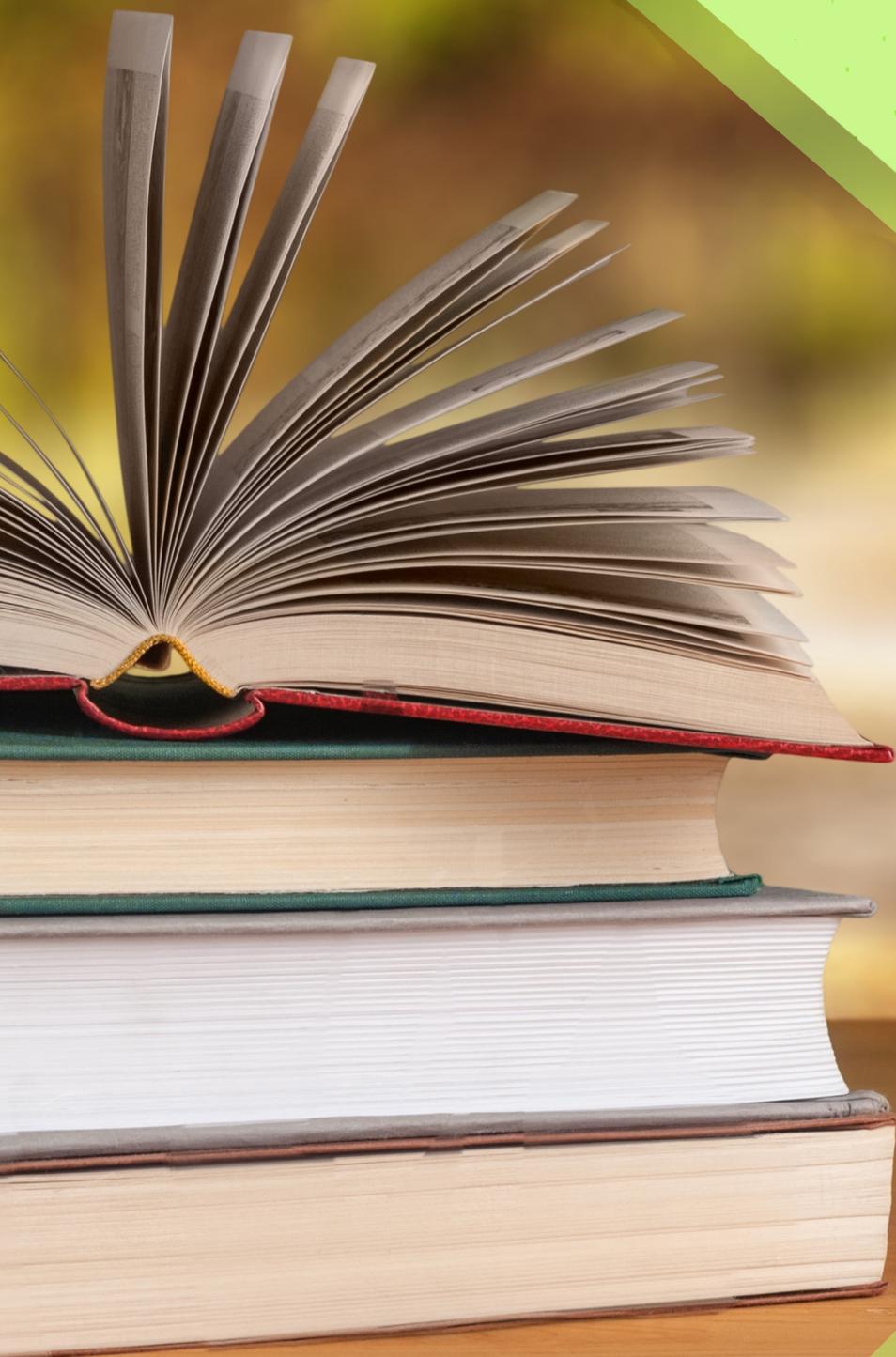


A Transversalidade da Prática do Profissional de História

Denise Pereira
(Organizadora)



Denise Pereira
(Organizadora)

A Transversalidade da Prática do Profissional de História

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

T772 A transversalidade da prática do profissional de história [recurso eletrônico] / Organizadora Denise Pereira. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (A transversalidade da Prática do Profissional de História; v. 1)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-282-1

DOI 10.22533/at.ed.821192504

1. História – Estudo e ensino. 2. Prática de ensino. 3. Professores de história – Formação I. Pereira, Denise. II. Série.

CDD 907

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A transversalidade da Prática do Profissional de História

Ao longo das últimas décadas, o ensino de História vem se consolidando enquanto campo de pesquisa, principalmente a partir da década de 1980, e as linhas de pesquisa, mormente, estão ligadas às metodologias de ensino, ao livro didático ou, ainda, às políticas públicas de inserção desses temas no currículo escolar. Neste modo, falar de transversalidade na prática do profissional de História, é observar a ligação aproximada da escola da realidade vivida pelos alunos, ou seja, trazer as disciplinas, os professores, os conteúdos escolares e aproximá-los do mundo do estudante. Dessa maneira, os alunos teriam uma aprendizagem significativa e seriam vistos com sujeitos históricos.

Os temas transversais são abordados recorrentemente a partir da proposta do trabalho interdisciplinar. O fato recorrente nessas abordagens interdisciplinares é que cada disciplina/campo se preocupa com seu recorte específico sobre o tema, o que acaba fragmentando-o ainda mais.

A aplicação dos temas transversais acontece a partir da renovação nos métodos, conceitos e didáticas no campo da pesquisa em História. Neste e-book temos a compreensão da realidade e a afetiva participação do indivíduo a partir de dados e noções relativos ao seu cotidiano, ao seu universo, fazem com que a campo do historiador a passe a ser considerada como um espaço de conhecimento e reconhecimento, onde por intermédio das diversas outras áreas de pesquisa se concretize como construtor de sua própria história.

Aqui diversos pesquisados do campo da História, trabalharam com a proposta de temas transversais em várias áreas baseadas em eixos temáticos, tais como: cultura, religião, educação, arte, cinema, gênero, entre muitos outros.

Boa leitura.
Denise Pereira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A DRAMATURGIA COMO FONTE PARA HISTÓRIA DA ILUMINAÇÃO CÊNICA, QUESTÕES DE ABORDAGEM PARA UMA PESQUISA EM ANDAMENTO	
Berilo Luigi Deiró Nosella	
DOI 10.22533/at.ed.8211925041	
CAPÍTULO 2	8
A EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E ARTÍSTICA (EPA) COMO COMPONENTE CURRICULAR DAS ESCOLAS ESTADUAIS DA BAHIA: A EXPERIÊNCIA DO COLÉGIO DOUTOR JUCA SENTO-SÉ	
Angla Pereira dos Santos Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.8211925042	
CAPÍTULO 3	14
A ESCOLARIZAÇÃO EM ITABORAÍ-RJ NO PERÍODO IMPERIAL (1840-1888)	
Regina Coeli Alcantara Silva	
DOI 10.22533/at.ed.8211925043	
CAPÍTULO 4	24
A FORMAÇÃO DE MÉDICOS NEGROS NAS ESCOLAS MÉDICAS BRASILEIRAS	
Helber Renato Feydit de Medeiros	
DOI 10.22533/at.ed.8211925045	
CAPÍTULO 5	31
A HISTÓRIA DO BAIRRO SÃO BENEDITO	
Marília Villanova Rodriguês	
DOI 10.22533/at.ed.8211925045	
CAPÍTULO 6	38
A LINHA DURA NACIONALISTA E A “NASSERIZAÇÃO FRUSTRADA” DO REGIME MILITAR BRASILEIRO	
Guillaume Azevedo Marques de Saes	
DOI 10.22533/at.ed.8211925046	
CAPÍTULO 7	46
A LITERATURA E O CORPO CONTRA O CASTRISMO: O RELATO AUTOBIOGRÁFICO DE REINALDO ARENAS (1943-1990)	
Bruna Alves Carvalho Mendes	
DOI 10.22533/at.ed.8211925047	
CAPÍTULO 8	54
A NAÇÃO NO BRASIL E NA COLÔMBIA: UMA ANÁLISE A PARTIR DO ESPORTE ¹	
Eduardo de Souza Gomes	
DOI 10.22533/at.ed.8211925048	
CAPÍTULO 9	65
A POLÍTICA INVADE O VERSO: REPRESENTAÇÕES DA REVOLUÇÃO DE 1848 NA POESIA DE BAUDELAIRE	
Marcos Antonio de Menezes	
DOI 10.22533/at.ed.8211925049	

CAPÍTULO 10	76
CONSERVADORISMO E PERSPECTIVA VARNHAGENIANA: ANÁLISE DE UM CONCEITO	
Ingrid Silva Lucas	
DOI 10.22533/at.ed.82119250410	
CAPÍTULO 11	85
DA IGREJA AO CAMPO SANTO: O NASCIMENTO DOS CEMITÉRIOS E O MONOPÓLIO DA MORTE NO BRASIL DO SÉCULO XIX	
Leonardo Oliveira Silva	
DOI 10.22533/at.ed.82119250411	
CAPÍTULO 12	99
DEMOCRACIA E AUTORITARISMO: Trajetória Política De Eduardo Gomes Em Contextos De Transições	
Flavia Salles Ferro	
DOI 10.22533/at.ed.82119250412	
CAPÍTULO 13	105
DO SUBVERSIVO AO TRAFICANTE: O PAPEL DA GUERRA ÀS DROGAS NA CONSTRUÇÃO DO “INIMIGO INTERNO” NO BRASIL	
Luiz Henrique Santos Brandão	
DOI 10.22533/at.ed.82119250413	
CAPÍTULO 14	120
ENSINO DE HISTÓRIA E O USO DO FILME: DIÁCONOS PELA DEFESA E JUSTIÇA E A CONSTRUÇÃO DO SABER DISCENTE	
Samara Letycia Moura Borges	
DOI 10.22533/at.ed.82119250414	
CAPÍTULO 15	127
ENTRE O DISFORME E O MONSTRO: O CORPO ESPETÁCULO	
Juçara de Souza Nassau	
DOI 10.22533/at.ed.82119250415	
CAPÍTULO 16	137
FUNÇÃO POLÍTICA DA MEMÓRIA E AFIRMAÇÃO INSTITUCIONAL	
Lindsay Borges	
DOI 10.22533/at.ed.82119250416	
CAPÍTULO 17	153
GÊNERO E DISCURSO NO CURDISTÃO SÍRIO: NOTAS DE PESQUISA	
Maria Raphaela Campello	
DOI 10.22533/at.ed.82119250417	
CAPÍTULO 18	166
GESTÃO DOS SENTIMENTOS POLÍTICOS: UMA ANÁLISE DO <i>FRONT NATIONAL</i> COM MARINE LE PEN	
Makchwell Coimbra Narcizo	
DOI 10.22533/at.ed.82119250418	

CAPÍTULO 19	179
HISTÓRIA E SEGURANÇA DA INFORMAÇÃO: UM ESTUDO SOBRE A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL E O DESENVOLVIMENTO DA CRIPTOGRAFIA A PARTIR DE UMA PERSPECTIVA INTEGRADA	
Rogério Chaves da Silva	
George Mendes Marra	
Delson Ferreira	
Geovane Reges de Jesus Campos	
Amivaldo Batista dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.82119250419	
CAPÍTULO 20	195
HISTÓRIA, IMPRENSA E PODER: FOLHA DE S. PAULO E O GLOBO COMO ATORES POLÍTICOS NAS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS DE 1994 E 1998	
Fabrício Ferreira de Medeiros	
DOI 10.22533/at.ed.82119250420	
CAPÍTULO 21	209
INFINITAS MARIAS Conhecendo as Marias desde 1950 PROPOSTA DE PRODUÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO	
Ronía Batista Vaz Otoni	
DOI 10.22533/at.ed.82119250421	
CAPÍTULO 22	217
JORNALISMO LITERÁRIO E PÓS-MEMÓRIA NA ÁFRICA COLONIAL PORTUGUESA DO SÉCULO XX: O CASO DOS LIVROS-REPORTAGEM SOBRE RETORNADOS	
Flávia Arruda Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.82119250422	
SOBRE A ORGANIZADORA	226

A DRAMATURGIA COMO FONTE PARA HISTÓRIA DA ILUMINAÇÃO CÊNICA, QUESTÕES DE ABORDAGEM PARA UMA PESQUISA EM ANDAMENTO

Berilo Luigi Deiró Nosella

PPGAC/DEACE – Universidade Federal de São João del Rei São João del Rei-MG

RESUMO: O presente artigo pretende apresentar algumas questões e resultados da pesquisa “Capocomicato e metateatro: o fazer e o pensamento da iluminação na dramaturgia pirandelliana” desenvolvida (agosto de 2017 a julho de 2018) no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, na linha de pesquisa em História e Historiografia do Teatro e das Artes, sob supervisão da Profa. Dra. Maria de Lourdes Rabetti (Betí Rabetti), com bolsa PNPd-CAPES (de dezembro de 2017 a julho de 2018). Procuraremos demonstrar como a relação, que consideramos orgânica, entre o olhar pretendido para o passado, pelo fazer do historiador, e a fonte por ele inquirida, definiu-se e definiu os objetivos da pesquisa. Ou seja, como a dramaturgia se mostrou, primeiro como projeto e por fim como resultado efetivo, uma fonte documental contundente para compreensão do pensar e do fazer da iluminação cênica de Luigi Pirandello.

PALAVRAS-CHAVE: História e historiografia do teatro; Fontes documentais; Iluminação cênica; Micro-história; Teatro moderno.

ABSTRACT: The current article intends to present some questions and results of the research “Capocomicato e Metateatro: The Making and the thought of enlightenment in the Pirandellian Dramaturgy” developed (August 2017 to July 2018) in the graduate program in Performing Arts at the Federal University of the state of Rio de Janeiro, in the line of research in history and historiography of the theatre and the arts, under the supervision of Profa. Dr. Maria de Lourdes Rabetti (Betí Rabetti), with scholarship PNPd-CAPES (from December 2017 to July 2018). We will try to demonstrate how the relationship, which we consider organic, between the intended look for the past, by the historian’s doing, and the source he inquired, defined and defined the objectives of the research. That is, as the dramaturgy showed itself, first as a project and finally as an effective result, a documentary source for understanding the thinking and making of the scenic lighting of Luigi Pirandello.

KEYWORDS: History and historiography of the theater; Documentary sources; Scenic lighting; Micro-History; Modern theatre.

O presente artigo foi originalmente apresentado no XVIII Encontro de História Primeiro Encontro Internacional: História &

Parceria da Associação Nacional de História – Seção Rio de Janeiro - ANPUH-RJ, em julho de 2018. Naquela ocasião, diante do desafio de empreender uma história da iluminação cênica moderna, tendo como recorte a Itália da década de 1920, optamos por analisar algumas dramaturgias produzidas ali, o que nos levou a uma questão quanto ao fazer histórico: como seria utilizar como fonte primária, praticamente exclusiva, tais dramaturgias para se escrever uma história luz em cena. Assim, considerando-se este ponto central – o uso da dramaturgia como fonte para uma história da iluminação cênica – propomos aqui um passeio por 5 tópicos sobre a reflexão da relação entre história e ficção e do uso da literatura como fonte para história do teatro, que se mostraram cruciais no desenvolvimento da pesquisa.

1 | A RELAÇÃO HISTÓRIA – FICÇÃO; FORMAS E ESTILOS NARRATIVOS/DISCURSIVOS; HISTÓRIA E RETÓRICA

Num conjunto de textos, tendo como eixo a relação entre história e literatura, desdobrado na relação entre o real e a ficção, Carlo Ginzburg (2007) nos atenta como o afastamento e posterior aproximação entre a noção de evidência como base do pensar e fazer histórico e a de narração, confunde-se com a própria busca histórica do fazer histórico.

O cerne da questão para ele estaria na noção de *enargeia*, que significa “clareza, vividez”, ou seja, a busca pelo que, desde os gregos (vide a clássica diferença entre a narrativa poética e a histórica proposta por Aristóteles), deveria ser o fim último da história – a verdade – confundia-se com o exercício narrativo da retórica, ou seja, a verdade da história encontrava-se na clareza e vividez de sua narrativa. Tal noção se oporia a posterior noção de *evidence*.

A diferença entre o nosso conceito de história e o dos antigos se resumiria da seguinte forma: para gregos e romanos a verdade histórica se fundava na *evidentia* (o equivalente latino da *enargeia* proposta por Quintiliano); para nós, nos documentos (em inglês, *evidence*). (Ginzburg, 2007: 24)

O que nos levaria a conclusão de que aos antigos a diferença entre narrativa histórica e poética se daria no próprio campo da narração, enquanto a primeira busca convencer a segunda buscaria subjugar.

Ainda segundo Ginzburg, a mudança de paradigma se dá na segunda metade do século XVII e coincide com a proposição de sistematizar princípios de análise com base em fontes, deixando para trás um princípio de verdade a partir do lugar da persuasão para trazer à centralidade do fazer histórico o controle objetivo dos fatos. Porém, o que Ginzburg chama a atenção no desenrolar do seu conjunto de textos, é que esse movimento, se por um lado significou um ganho metodológico para o fazer da história, também significou, no momento em que surgiu, um controle sobre o que

se poderia chamar de verdade.

Neste sentido, a crítica à própria noção de fonte – afastada, a partir do século XVII, de toda e qualquer experiência narrativa – faz-se novamente necessária, entre fins do século XIX e o século XX, não por acaso, em reação ao momento em que tal movimento atinge seu ápice com a historiografia positivista. Neste sentido, poderíamos aferir que as renovações que o fazer historiográfico vivenciou ao longo do século XX, desde a fundação dos *Annales d'histoire économique et sociale*, por Lucien Febvre e Marc Bloch em 1929, passando pela renovação da historiografia marxista com E. P. Thompson até as proposições da História Cultural e da Micro História italiana (Pesavento, 2013), revendo a própria noção objetivista da fonte e do documento, as relações destas com o trabalho analítico e narrativo e o papel da interpretação dos mesmos no fazer da história, tudo isso, sem abandonar os avanços que a historiografia da *evidence* trouxe ao método historiográfico, são espécies de “meio do caminho” na busca por uma compreensão da própria definição de fonte e de nossa relação com a mesma. Algo como o que Maria de Lourdes Rabetti (Beti Rabetti) (2017: 52) nos chama a atenção como sendo uma “escrita documentada”, na qual, sem negar o elemento narrativo, trazendo-o ao novamente ao cerne do fazer histórico – seja na construção do discurso histórico, seja enquanto em si mesmo fonte da própria história –, mas sem deixar de ir “...contra a tendência do ceticismo pós-moderno de eliminar os limites entre narrações ficcionais e narrações históricas, em nome do elemento construtivo que é comum a ambas...”; para que assim se coloque, como dissemos, numa espécie de meio do caminho no próprio exercício da escrita, trazendo a própria fonte pra dentro dela. Ginzburg (2007: 9) propõe entender este como uma relação de contenda, não uma guerra de trincheiras, mas de desafios mútuos, entre a dita objetividade da fonte e a subjetividade da narrativa, cujo objeto de disputa é a representação da realidade.

2 | FONTE DOCUMENTAL PARA A HISTORIOGRAFIA DO TEATRO

Com a breve apresentação acima da questão da relação entre história e ficção, tendo como mote a crítica à noção instituída de objetividade do documento, sabemos que a prática historiográfica se abriu para novos horizontes quanto aos seus objetos, temas e problemas. Ampliaram-se as práticas em concomitância com os novos rumos, que significaram uma revisão da noção do que é uma fonte documental. Dos documentos oficiais, pequenos traços, resquícios, objetos e narrativas, passaram a ocupar lugar de destaque na pesquisa historiográfica, ampliando-se o rol de objetos passíveis de serem utilizados como fonte para o fazer da história.

Em termos metodológico, o que ficou claro à historiografia do século XX é que uma história de um objeto novo em relação à história dos grandes acontecimentos, deve ser feita ou com novos documentos ou, ao menos, com novo olhar, novas indagações, para velhos documentos

Na recente publicação do dossiê *Histórias, memórias e acervos teatrais no Brasil*, pela Revista Sala Preta da USP, organizado por Fabiana S. Fontana e Paulo Maciel (2017), percebe-se como programas, figurinos, desenhos e anotações realizadas ao longo do próprio fazer, etc. são entendidos hoje, junto aos pesquisadores, como documentos essenciais à reflexão e construção histórica do nosso teatro.

Porém, abordar esta questão, implica em ressignificar, por meio de um novo direcionamento do olhar e do questionamento, a relação com o objeto. Um programa, um cartaz, um borderô, ou um roteiro de luz, tem suas funções definidas, porém, revelam outras coisas além das que são (ou foram) seus objetivos primeiros, sob o olhar atento do historiador.

Neste sentido, se não apenas novos objetos – e porque não dizer secundários quanto ao próprio objeto principal, por exemplo, a cena teatral –, quando iluminados com a luz certa, se revelam como novas funções documentais, poderíamos dizer que objetos até então de primeira grandeza, como o texto dramático, que em muitos momentos ocupou o lugar de maior destaque na própria historiografia do teatro, pode ter seu lugar e função modificada com novo olhar e novas perguntas a lhes serem feitas.

3 | A RELAÇÃO HISTÓRIA – LITERATURA COMO FONTE, QUESTÕES DE ABORDAGEM

No período de pesquisa de que trata este relato, buscou-se radicalizar a proposição que surgiu como necessidade do próprio fazer da pesquisa. Na leitura das peças, ao se buscar nelas o resgate histórico de um fazer da iluminação cênica do passado, ficou claro logo de cara que, a relação de leitura destas não era a mesma de uma análise de caráter literário ou mesmo dramático, simplesmente. Num primeiro momento, buscou-se os dados ali apresentados, de caráter material, quanto as reais proposições de iluminação.

Porém, tal, apenas, se demonstrou insuficiente, uma vez que tais dados, de forma concreta, como poderiam figurar nos documentos oriundos do próprio fazer da iluminação (mapas, roteiros, etc.), eram informações de outra natureza, possivelmente não presentes na fonte dramática. A dramaturgia, enquanto narrativa ficcional, mesmo a metateatral, como é o caso, não daria conta de tal nível de concretude?

Tal percepção não nos levou, nem de longe, a conclusão de que então aquela fonte não daria conta do objetivo que nos propusemos, apenas que, talvez, seria necessário um ajuste quanto ao olhar lançado a ela. Se não a concretude que ela não comportava, talvez o impalpável que ela nos poderia revelar. Neste sentido que, não substituindo, mas somando ao fazer, direcionou-se o olhar para o pensar a iluminação, ou seja, para um campo em que um dado imaterial, mas não menos revelador, sobre um certo entendimento do campo cênico, nos revelasse tanto sobre o fazer que lhe dá

suporte, quanto o desejo que lhe impulsiona, num dado momento histórico.

Neste sentido, no trajeto aqui brevemente esboçado, verificamos como o trato com a fonte escolhida ajudou a redefinir em minúcia o próprio objetivo da pesquisa, entendendo que o objeto proposto é mais do que se imaginava. Assim, o fazer e o pensar da iluminação cênica de Pirandello, revelado pela fonte escolhida – as peças do metateatral do autor – nos revelou o campo intangível de um sentimento da época quanto a iluminação. O que significaria tanto o que se anima pela concretude de suas realizações em determinada época quanto as aspirações nascidas destas, no caso, o desenvolvimento tecnológico da iluminação elétrica em fins do século XIX e início do século XX.

4 | A RELAÇÃO HISTÓRIA – IMAGINÁRIO, RESVALANDO NO CAMPO DAS MENTALIDADES E DA REPRESENTAÇÃO HUMANA

Outra questão, em continuidade, se dá na compreensão da importância que a historiografia do século XX, em suas renovações, atribuiu ao pensamento, ou mentalidade, para compreensão do passado. Neste sentido, no que nos interessa mais imediatamente, há duas frentes: a primeira na compreensão de que o pensamento abstrato, plasmado e identificado com o campo do imaginário, pode deter extrema contundência para compreensão de uma dada época; e a segunda, que as obras de expressão humana, dentre elas, a narrativa ficcional, são territórios privilegiados do decantar de tal imaginário abstrato. Para falar com Pesavento (2006: 12) o imaginário seria um “...sistema de identificação, classificação e valorização do real pautando condutas e inspirando ações. É, podemos dizer, um real /mais real que o real concreto...”.

Porém, há uma nítida diferença entre o imaginário que se tem hoje de uma outra época; e o imaginário que se forma no bojo do conjunto de homens de uma dada época, promovendo pelo próprio exercício do pensamento, a configuração de um sistema de ideias que, como o que Williams (2002) chama de estrutura de sentimento, são próprias de uma época. Ambas são construídas, uma como representação de algo que está distante, outra época; outra como uma espécie de auto representação.

No caso, a narrativa ficcional detém o poder de concretizar ambos os imaginários, mas o que interessa de forma mais imediata ao que estamos aqui propondo, uma vez que ambas podem interessar a história, é a segunda forma. Ou seja, como um dado imaginário de uma época se inscreveu numa dada obra narrativa? E como ler este dado inscrito na obra? O que Adorno (2009), ao analisar o fenômeno musical, chamou de decantação da história na obra, ou que Raymond Williams chamou de sua estrutura de sentimento.

Neste sentido, a obra ficcional se nos apresenta como fonte documental histórica, não pelo seu conteúdo explícito, mas pelo o que de historicidade, inscrita em sua

forma, nos revela da época em que esta foi gerada.

Como já apontado no item 1), aqui tocamos num objeto de disputa: a representação, pois tal trânsito entre imaginário e sua “decantação” ou “estruturação”, é sua base de entendimento “Neste ponto, as diferentes posturas convergem: o imaginário é sempre um sistema de representações sobre o mundo que se coloca no lugar da realidade, sem com ela confundir-se, mas tendo nela o seu referente” (Pesavento, 2006: 12).

Por fim, mas não menos pertinente, se revelou, a partir disto, ainda um último aspecto:

5 | A RELAÇÃO NARRATIVA – HISTÓRIA, NO QUE TANGE À REPRESENTAÇÃO COMO FORMA E/OU ESSÊNCIA REALISTA

Neste campo, a questão desloca-se um pouco da história para o que estamos aqui elegendo como sua fonte, a narrativa ficcional, e desenrola-se no que podemos chamar de estilo ou forma. Se, como dissemos, é na forma que tal elemento de historicidade presente no imaginário de uma época se inscreve, ele o fará diversamente conforme for diverso o estilo da narrativa. Neste sentido, a maneira de se conceber a relação entre história e narração ficcional está também ligado ao estilo, ou escola, da narrativa, que não é mais do que a maneira como esta narração ficcional estabelece sua relação com o que Pesavento (2006) chamou acima de seu referente: a realidade. Para tal, é preciso partir de uma premissa que sabemos não ser unânime: que toda obra ficcional tem sua relação de referência com a realidade, o que não significa afirmar que toda obra é realista, no sentido estilístico do termo. Neste campo, é valioso a leitura da noção de realismo que Lukács propõe em sua obra *O romance histórico*, no nosso caso, especificamente no capítulo “Romance histórico e drama histórico”, mesmo que seja em seus limites, uma vez que, como o próprio autor informa logo no início da obra, mesmo o afastamento do romance da representação propriamente histórica, em período que ele chama de decadência, tem razões históricas, sendo “...consequências necessárias das grandes convulsões sociais dos tempos modernos, e provar que seus diferentes problemas formais são reflexos dessas convulsões histórico-sociais” (Lukács, 2011: 331).

Também, com base no pensamento de Lukács, Hauser (1994), em sua *História social da arte e da literatura*, propõe a compreensão da história da literatura a partir das diferentes formas de relação desta com o real que, na sua visão, plasmariam as diferentes “escolas literárias”.

Não se trata aqui de entrar em terreno tão espinhoso (sabemos), mas de partir disto como premissa, entendendo inclusive, que, ao contrário do que se possa pensar, uma vez que a relação de “decantação” ou “estruturação” do real na obra ficcional se dá na forma, talvez uma obra de conteúdo não realista, possua tanto valor que uma de conteúdo realista, como fonte para análise do referido imaginário histórico. Se assim

for, Pirandello, autor de acirrada fantasia em sua narrativa, pode apresentar-se como objeto exemplar para tal exercício.

Concluindo, não foi a dramaturgia em si como objeto que nos interessou para a pesquisa em desenvolvimento, mas sim o que ela poderia nos revelar sobre algo que não é seu objeto específico, no caso, a iluminação cênica. A dramaturgia, como pudemos perceber no próprio exercício de leitura e análise, mesmo a metateatral, como é o caso, para o fim de seu uso como fonte documental para a história da iluminação, não deve ser encarada de imediato como um documento direto da prática da iluminação, mas, sim, um objeto do qual, empreendendo-se uma observação de escala reduzida, seria possível apreender elementos fundamentais para uma reconstrução de uma forma de pensar o fazer da iluminação cênica naquele momento.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. **Filosofia da nova música**. Trad. Magda França. São Paulo: Perspectiva, 2009.

FONTANA, Fabiana S. e MACIEL, Paulo M. C. Apresentação do dossiê – histórias, memórias e acervos teatrais no Brasil. In **Revista Sala Preta**, vol. 17, n. 2, São Paulo, 2017. (pp. 6-10). <https://www.revistas.usp.br/salapreta/article/view/140237> DOI: 10.11606/issn.2238-3867.v17i2p6-10. Acesso em 16/03/2018.

GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

HAUSER, Arnold. “Naturalismo e Impressionismo”. In HAUSER, Arnold. **História social da arte e da literatura**. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

LUKÁCS, G. “Romance histórico e drama histórico”. In Lukács, G. **O romance histórico**. Trad. Rubens Ederle. São Paulo: Boitempo, 2011, p. 117-210.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. “História & literatura: uma velha-nova história”. In DA COSTA, Cléria B. e MACHADO, Maria Clara T. (org.). **Literatura e história: identidades e fronteiras**. Uberlândia: EDUFU, 2006.

_____. **História & história cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013 (e-book).

RABETTI, Maria de Lourdes (Beti Rabetti). Em busca da tradução teatral: o trabalho do historiador em meio a miudezas da cena e precariedades documentais. **Revista Sala Preta**, v. 17, n. 2, 2017. <https://www.revistas.usp.br/salapreta/article/view/139972> DOI: 10.11606/issn.2238-3867.v17i2p48-71. Acesso em 16/02/2018.

WILLIAMS, Raymond. **Tragédia moderna**. Trad. Trad. Betina Bischof. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

SOBRE A ORGANIZADORA

DENISE PEREIRA Mestre em Ciências Sociais Aplicadas, Especialista em História, Arte e Cultura, Bacharel em História, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Cursando Pós-Graduação Tecnologias Educacionais, Gestão da Comunicação e do Conhecimento. Atualmente Professora/Tutora Ensino a Distância da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e professora nas Faculdade Integradas dos Campos Gerais (CESCAGE) e Coordenadora de Pós-Graduação.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-282-1

